

## A instalação da Igreja Batista de Corumbá e da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso

Installation of the Baptist Church of Association and Corumbá Evangelical Baptist of Mato Grosso

Por Ademar Alves da Silva

Mestre em História (UFGD)

Especialista em Ciência das Religiões (FIJ-RJ)

adealsi@yahoo.com.br

### Resumo:

Este artigo trata da implantação da Igreja Batista de Corumbá e da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso no período de 1910 até 1940. Para contextualizar esse processo específico na sociedade brasileira da época, apresentamos fatos que marcaram a chegada dos primeiros protestantes no Estado. O período de 1910 é caracterizado pela vinda dos primeiros protestantes batistas, que, mais adiante, fundaram a Igreja Batista de Corumbá. Foi um período de contraposição envolvendo a fé, já que havia, neste tempo, a predominância da Igreja Católica e de várias outras religiões que buscavam se firmar na sociedade corumbaense e mato-grossense de forma geral. Esse período de luta pelo campo estendeu-se até o ano de 1940. Nessa época o Estado de Mato Grosso enfrentou uma grande expansão de obra missionária protestante, especialmente batista, quando foi fundada a Associação Evangélica Batista de Mato Grosso, que buscou unir as igrejas batistas com o intuito de fortalecer a evangelização no campo mato-grossense.

### Palavras-chave:

Protestantismo. Batistas de Mato Grosso. Conquista batista em Corumbá e no campo mato-grossense.

### Abstract:

This article approaches the establishment of the Baptist Church in Corumbá and the creation of the Evangelical Baptist Association of Mato Grosso from 1910 until 1940. In order to contextualize this particular process in Brazilian society, we present facts which marked the arrival of the first Protestant in the State. The 1910s is characterized by the arrival of the first Protestant Baptists, who later founded the Baptist Church of Corumbá. It was a time of contrast involving faith, because of the predominance of the Catholic Church and several other religions which sought to establish in the society of Corumbá and Mato Grosso in general. This period of struggle for land was extended until the 1940s. At that time, the State of Mato Grosso faced a major expansion of Protestant missionary work, especially Baptists, when was founded the Evangelical Baptist Association of Mato Grosso, which sought to unite the Baptist churches in order to strength the evangelization in the country of Mato Grosso.

**Keywords:** Protestantism. Baptists in Mato Grosso. Baptist conquest in Corumbá and in the country of Mato Grosso.

### A instalação da Igreja Batista de Corumbá<sup>1</sup>

<sup>1</sup> De acordo com a história oficial, Augusto César Proença relata que Corumbá foi fundada em 21 de setembro de 1778, sob a liderança do capitão General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, sendo ele o 4º Governador da Capitania do Estado de Mato Grosso, para defender e consolidar o domínio da fronteira sul-mato-grossense para a Coroa Portuguesa, mas os primeiros povos que habitavam na região de Corumbá e em todo Estado de Mato Grosso foram os indígenas, das tribos os Bororos, os Guatóis, os Terenas, os Gunas, entre outros (PROENÇA, Augusto César. *Corumbá de todas as*

Para Nogueira, os primeiros batistas que vieram ao Estado eram procedentes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Como outros conterrâneos, eles

*graças*. Corumbá: Editora do autor, 2003. p. 20-21). Durante a chegada dos bandeirantes paulistas e exploradores estrangeiros, por volta do século XVI, uma civilização progressista transformou Corumbá. A cidade adquiriu o maior entreposto comercial do Estado e também um imenso parque industrial do Centro Oeste do Brasil (BAÉZ, Renato. *Corumbá: reportagem e registros*. Corumbá: Editora do autor, 1974. p. 16).

chegaram a Corumbá para tomar posse de terras adquiridas na região, para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) ou para servir ao exército e à marinha nas cidades de Corumbá e de Ponta Porã<sup>2</sup>. A NOB trouxe muitos benefícios para o Sul de Mato Grosso, especialmente para a pecuária pantaneira, auxiliando a saída do boi magro para as invernadas paulistas<sup>3</sup>. Desta forma, os batistas que se estabeleceram em Corumbá a partir do ano de 1910, vieram tanto para participar do desenvolvimento da cidade por meio de suas profissões qualificadas, como também para disputar o campo religioso, dominado pelos católicos<sup>4</sup>. A prosperidade econômica do Estado e a fundação de várias cidades ao longo da linha ferroviária estimularam os batistas a iniciarem atividades evangelísticas e fundarem igrejas locais nas cidades que iam sendo criadas. A Estrada de Ferro NOB era economicamente importante para a região, por ser a melhor alternativa para o transporte dos produtos que abasteciam o mercado do Sul do Mato Grosso e para escoamento da produção regional. Foi relevante também para facilitar a locomoção dos primeiros pastores e missionários que iniciaram o trabalho batista em todo o Estado. Graças à Estrada de Ferro, surgiram as primeiras igrejas batistas nas cidades de Aquidauana, no ano de 1915; Campo Grande em 1917; Ponta Porã e Três Lagoas no ano de 1925<sup>5</sup>.

Nota-se, que a Igreja Batista no Mato Grosso esteve interessada em converter as pessoas, que, na sua maioria eram católicas e espíritas, como também em participar do desenvolvimento do

campo-mato-grossense por meio da qualificação profissional de seus membros.

Sendo Corumbá uma cidade de grande importância para o Brasil e a mais desenvolvida do Sul do Estado do Mato Grosso, esta foi a primeira a abrigar os batistas que vieram para a região, que posteriormente veio a pertencer ao sul de Mato Grosso.

Muitas pessoas foram atraídas pela prosperidade econômica de Corumbá entre as décadas de 1890 e 1910, entre elas, protestantes de diferentes denominações. A região Centro-Oeste, como um todo, se apresentava como lugar atrativo para colonizadores interessados em conseguir terras férteis a preços irrisórios. A cidade de Corumbá apresentava o diferencial de ter um centro urbano desenvolvido e a disponibilidade de empregos ligados ao porto, à construção civil, à construção da ferrovia, ao Exército, entre outros. Nota-se que os imigrantes estrangeiros, protestantes em sua maioria, eram pertencentes à classe média e pessoas com instrução, mão de obra qualificada indispensável para o desenvolvimento da cidade<sup>6</sup>.

A princípio, os protestantes do município de Corumbá se reuniram formando uma comunidade, mas, ao se organizarem como igreja, eles não sabiam de qual denominação protestante iriam fazer parte, já que, neste tempo, existiam no local os presbiterianos, os episcopais e os batistas<sup>7</sup>.

Em 1910, um ex-adepto da Denominação Batista de Rio Largo, do Estado de Alagoas, ao se mudar para Corumbá, foi informado de que, em Porto Murtinho, havia um pregador protestante. Logo os protestantes corumbaenses convidaram por carta este pastor, José Corrêa Brasil, ex-membro da Igreja Batista de Paranaguá, que iniciou a sua pregação na casa do Tenente Joaquim de Queiroz. Esta pertencia a Igreja Evangélica Episcopal. No início de 1911, 18 pessoas foram batizadas nas águas do Rio Paraguai, por meio do pregador mencionado<sup>8</sup>.

<sup>2</sup> NOGUEIRA, Sérgio. *Ana mãe Louise Wollerman: Recorte Biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul*. Dourados: INOVE, 2004.

<sup>3</sup> PROENÇA, 2003, p. 49.

<sup>4</sup> Quando os batistas chegaram em Corumbá, o catolicismo já estava presente desde 1872. Incentivado pela prosperidade econômica da cidade e pela chegada de número cada vez maior de imigrantes e trabalhadores, em 1872, o frei Mariano de Bagnaia celebrou uma missa na Praça da República pedindo aos católicos que investissem na construção da Igreja Católica de Corumbá. A partir de 1872, o número de residentes em Corumbá foi elevado para 3361 estrangeiros (CORRÊA, Valmir Batista. *Casario do porto de Corumbá: patrimônio histórico a ser preservado*. Campo Grande: Fundação da Cultura de Mato Grosso do Sul; Brasília: Gráfica do Senado, 1985. p. 63).

<sup>5</sup> NOGUEIRA, 2004, p. 52, 61.

<sup>6</sup> NOGUEIRA, 2004, p. 48-49.

<sup>7</sup> NOGUEIRA, 2004, p. 48-49.

<sup>8</sup> MESQUITA, Antônio N. de. *História dos Batistas do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1940. p. 422.

Em 1910, os batistas se reuniram para formar uma comunidade religiosa nesta cidade de fronteira, uma vez que a religião católica manteve-se hegemônica desde 1872, com grande destaque durante os anos de prosperidade econômica do município. A religião dominante em Corumbá é o cristianismo, que se iniciou com a Igreja Católica Apostólica Romana, e, por isso, o município tem como padroeira a Nossa Senhora da Candelária<sup>9</sup>. Percebe-se que os batistas enfrentaram a influência do catolicismo nos primeiros anos da cidade, e as igrejas batistas de Mato Grosso não dispensaram em protestar a veneração das diversas imagens católicas que iam sendo usadas como padroeiras das cidades que se formavam no campo mato-grossense.

A Igreja Católica era considerada pelos residentes de Corumbá o local onde se cumpria com a obrigação religiosa, mas que ao mesmo tempo oferecia o lazer e diversão local. Isto pode ser notado com a chegada de Dom Cirilo de Paula Freita, o primeiro bispo que esteve em Corumbá para comandar a Diocese da cidade, que fora criada a partir de 1910. O povo compareceu em grande quantidade à Praça da Matriz e festejou durante muitos dias com muita animação, fogos de artifícios e barraquinhas esparramadas de frente da igreja<sup>10</sup>.

As festas religiosas ou profano-religiosas (como muitos insistem em chamá-las) eram o ponto máximo das atrações. As festas de cunho católico que se davam neste tempo são: do Divino Espírito Santo, Santo Antônio, São Benedito, São Pedro, São Sebastião e São João. Estas festas eram comemoradas em Corumbá como uma rígida tradição. Desde o início do século XX, a população corumbaense presenciava não apenas festividades do catolicismo que estavam relacionadas com os santos, mas os casamentos, batizados, aniversários, e ainda existiam as festas cívicas, como as touradas, as cavalladas, os saraus nas casas familiares ou em clubes recreativos e esportivos, os carnavais, um ou outro circo mambembe<sup>11</sup>.

A influência da religião católica nas diferentes esferas de poder em Corumbá se fez sentir logo nas primeiras manifestações da comunidade batista do município. Em seguida a sua chegada, o pastor Brasil escreveu um folheto público contra o consumo do fumo, no qual assinou como “pastor ordenado”. Contudo, Brasil não era consagrado ao pastorado e isto serviu de base à justiça local para denunciá-lo de falsidade ideológica. Dessa forma, Brasil foi obrigado a fugir de Corumbá, inviabilizando a fundação da Igreja Batista<sup>12</sup>.

Como os protestantes de Corumbá ansiavam por um pastor, veio para a cidade em 1911 o pregador batista A.B. Deter. Com o apoio do pregador foi fundada a primeira Igreja Batista de Mato Grosso, iniciando com apenas quatro membros, que eram portadores de cartas demissórias da Igreja Batista de Rio Largo. Logo a igreja recém-organizada batizou mais 30 membros, sendo que destes, 18 já haviam sido batizados pelo senhor Brasil.

Na década de 1910, havia falta de pastores ordenados na região Centro-Oeste e por isso a Igreja Batista de Corumbá realizou a ordenação de Silidônio Urbietta e Pedro Sebastião Barbosa, dois membros da igreja local. Esses dois pastores posteriormente vieram a colaborar muito no crescimento do campo sul-mato-grossense, sendo que Urbietta participou da fundação da Igreja Batista de Aquidauana (1913), Miranda (1915) e Campo Grande (1917). Daí vê-se a importância da Igreja Batista de Corumbá para a expansão da causa religiosa no Sul do Mato Grosso<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> MESQUITA, 1940, p. 422.

<sup>13</sup> Nota-se que se dependesse apenas dos missionários e pastores, a Igreja Batista não teria alcançado expressão no Mato Grosso. Foi o esforço dos próprios membros da igreja, que a fez se desenvolver em Corumbá e no Estado como um todo. Segundo Mesquita, apenas a partir de 1918, após a Convenção Batista Brasileira realizada em Vitória-ES, o trabalho de evangelização batista passou a ser de responsabilidade do campo paulistano e ter o missionário estadunidense E. A. Jackson como o defensor da causa batista de Mato Grosso. Porém este ficou residindo em Vitória até 1923, ano em que o trabalho batista foi estendido por toda a região Sul de Mato Grosso, atingindo bons resultados. Em 1925 foi organizada a Igreja Batista de Três Lagoas e Ponta Porã (MESQUITA, 1940, p. 243-244).

<sup>9</sup> BAÉZ, Renato. *Corumbá: reportagem e registros*. Corumbá: Editora do autor, 1974. p. 16.

<sup>10</sup> PROENÇA, 2003.

<sup>11</sup> PROENÇA, 2003, p. 57-62.

Em 1912, os 57 membros da Igreja Batista de Corumbá uniram esforços na construção do primeiro templo, erguido em um terreno doado por uma das suas adeptas, com o trabalho voluntário do pedreiro Ernesto Vaudens, membro da igreja, que doou também alguns materiais de construção, enquanto os demais adeptos de forma geral contribuíam para o pagamento do salário do pastor e manutenção da igreja<sup>14</sup>.

É importante frisar que alguns dos primeiros convertidos de Corumbá, antes de fazer parte da Igreja Batista, pertenciam ao catolicismo, espiritismo, à Denominação Evangélica Episcopal e Presbiteriana<sup>15</sup>. Essa disputa pelo campo religioso marcou muito os primeiros anos da implantação da Igreja Batista no Estado do Mato Grosso.

Os protestantes que chegaram a Corumbá se depararam com o domínio do catolicismo expressado através das muitas festas, consideradas pelos batistas como “mundanas” ou “pecadoras”. Então, em seus primeiros anos, o protestantismo visou converter o povo de Corumbá com o intuito de “salvar os pecadores”, que eram os católicos, espíritas, entre outros. De tal forma que as religiões de enfrentamento à Igreja Católica ainda são o protestantismo e as religiões afrobrasileiras incorporadas sob a designação vaga de “espiritismo”<sup>16</sup>. Uma das causas que contribuíram para o conflito entre movimentos católicos e protestantes é porque, desde o século XVI, o protestantismo condenou os dogmas católicos como às indulgências, cultos aos santos, confissão obrigatória, missa papal, entre outros<sup>17</sup>.

Graças ao discurso de antagônicos, das lideranças religiosas católicas e protestantes, foi viável a construção de identidades distintas e contraditórias, relevantes não somente para a orientação dos fiéis, como para a conservação das

instituições eclesiásticas. Em nível nacional, os católicos e protestantes entraram em rivalidades e se isolaram socialmente por causa das representações construídas desde o início da instalação do protestantismo no Brasil. A inserção protestante no Brasil foi fruto de um longo conflito ideológico entre a hierarquia católica, que procurava defender seu direito constitucional de exercer a hegemonia religiosa no país, e as autoridades protestantes que consideravam o campo religioso brasileiro um espaço para a propagação de sua fé<sup>18</sup>.

Este conflito teve repercussão em Corumbá, onde os protestantes batistas consideravam os corumbaenses de outras religiões sujeitos à condenação de Deus. É de se perceber que, conforme Corumbá foi se desenvolvendo, o número de religiões cresceu por causa do aumento da sua população. O aparecimento das variadas religiões estão relacionadas mais ou menos com o aumento de uma população<sup>19</sup>.

Devemos considerar que, de acordo com Weber, os batistas exigem de seus membros total desligamento da vida “mundana”, porque a santidade é essencial para a obtenção da salvação eterna em Cristo – ideologia que também fortalece alicerces do Sistema Capitalista. Tudo que é contrário ao conceito de “santidade” batista, como por exemplo, a violência, prostituição, participação na política, preguiça, assaltos, entre outros, impede que os seres humanos ganhem o reino dos céus e prosperem economicamente. Nota-se que as igrejas batistas, por meio da sua crença, esperam que seus membros participem da sociedade de forma ordeira e progressista, buscando dignidade e melhores condições de vida através do trabalho, gerando desenvolvimento econômico e social<sup>20</sup>.

Em Corumbá, o discurso batista também pregava uma rigidez de conduta moral, o que fazia com que os batistas se destacassem na sociedade

<sup>14</sup> NOGUEIRA, 2004, p. 51.

<sup>15</sup> URBIETA, João Gregório. *Semeando a boa semente*. autobiografia do pastor João Gregório Urbieta. Rio de Janeiro: Evangélica Dois Irmãos S.A., 1960. p. 22-23.

<sup>16</sup> MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando e SCHWARCS. Lilia. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 76.

<sup>17</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 57.

<sup>18</sup> PINHEIRO, Elias Oliveira, CAES, André Luiz. *Protestantes e católicos no Brasil: aspectos de um conflito (1850-1900)*. UCG, 2006. p. 5.

<sup>19</sup> JULIA, Dominique. História religiosa. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1972. p. 106.

<sup>20</sup> WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 4º ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1973.

corumbaense, que era formada por expressiva população volante como trabalhadores portuários e da construção civil, o que também fomentava muitos locais de lazer, bares e pontos de prostituição. Sentindo-se no dever de salvar estas almas, a Igreja Batista tinha como intenção fomentar a moralidade de seus membros através do trabalho, o que também resultava em prosperidade econômica da membresia e maiores recursos para a própria igreja investir em trabalhos missionários.

Conforme as atas das igrejas batistas do Estado de Mato Grosso, nas décadas de 1910 a 1940, tanto membros como pastores, ferroviários, marinheiros, jornalistas, colportores, militares, educadores, donas-de-casa entre outras, eram profissionais de classe média. E, de fato, a Comunidade Batista possuía a mão-de-obra qualificada que o campo mato-grossense precisava.

Os registros em atas das igrejas do Estado demonstram que os trabalhadores batistas contribuía com a instituição para financiar a evangelização. Nas atas de caixa, pode-se notar que os recursos são usados tanto para o sustento da igreja local quanto para o envio de missionários e na fundação de diversas igrejas nas localidades onde não havia o trabalho batista no estado. Quanto maior fosse a economia da Igreja Batista, mais fácil ficava para a mesma disputar o campo mato-grossense com o catolicismo e com várias outras religiões.

Um dos enfrentamentos dos batistas com relação às outras religiões se dava na questão dogmática, pois enquanto o catolicismo, luteranismo, metodismo e presbiterianismo continuaram com o ritual de batismo das crianças, os batistas somente batizavam pessoas adultas por meio do batismo de imersão.

O fato é que, em busca de livrar mais almas da vida em pecado, os batistas se organizaram de tal forma que, apesar de terem fundado a Primeira Igreja do Mato Grosso apenas em 1910 e somente com quatro membros, em 1912 já somavam 57 membros em Corumbá e começaram a partir de então a enviar missionários como Urbietta para outros municípios do Sul do Estado.

Na disputa por mais adeptos, os batistas buscaram converter não somente as pessoas das cidades, mas também aqueles que se encontravam no meio rural<sup>21</sup>. Os batistas apostaram na alfabetização de pessoas no meio rural para ensinarem a Bíblia e faziam visitas às casas, diferentemente das outras religiões nas quais os indivíduos deviam buscar o templo para falar com o padre ou pastor.

A Igreja Católica temendo a perda de seus fiéis buscava frear o crescimento do protestantismo em diversas cidades de Mato Grosso, especialmente em Corumbá, Três Lagoas, Paranaíba, entre outras<sup>22</sup>. Na década de 1920, as disputas pelo campo religioso se acirraram e ganharam espaço nos jornais impressos da época, que eram o principal meio de comunicação de massa regional.

Logo nos primeiros anos republicanos, à sombra de um sentimento nacionalista e na busca de formação de identidade patriótica, o arcebispo do Mato Grosso, Dom Aquino, levantou o principal argumento dos católicos contra os protestantes, acusando-os de fazer parte de um projeto ideológico do imperialismo norte americano<sup>23</sup>.

Nessa época, no Mato Grosso, existiram jornais de grupos religiosos antagônicos que protagonizaram o debate que teve como principal foco a defesa da “nacionalidade brasileira”. Ligado à Igreja Católica estava o jornal *A Cruz* e *A Penna Evangélica* que foi o órgão utilizado pelos presbiterianos. Como os discursos do arcebispo afetavam a imagem das diversas igrejas protestantes, *A Penna Evangélica* abria espaço para as igrejas episcopal, metodista e batista. As cidades de Mato Grosso, como Cuiabá, Corumbá, Três Lagoas, Campo Grande, entre outras, tiveram

<sup>21</sup> URBIETA, 1960, p. 44-45.

<sup>22</sup> Jornal Evangélico do Estado de Mato Grosso, 1925.

<sup>23</sup> Por outro lado, à época a religião protestante foi sinônima de civilização e modernidade. Essa face se apoiava na compreensão de que o protestantismo enquanto religião teria forjado as bases das nações mais prósperas da época e que traria ao Brasil os mesmos benefícios daqueles países (SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira*. São Luís: Edufma, 2006. p. 159).

acesso aos jornais tanto de interesse católico quanto protestante.

Em 1926, Dom Aquino Corrêa proferiu, no Lyceu Cuiabano, uma palestra intitulada “Imperialismo e protestantismo”. O texto foi publicado<sup>24</sup> em forma de folheto e distribuído em vários Estados do país. O discurso de Dom Aquino acusou os protestantes de serem agentes religiosos a serviço do imperialismo dos Estados Unidos. Um inimigo a ser combatido em defesa da fé católica e da nacionalidade brasileira.

Dom Aquino também acusou o protestantismo de ter sido o responsável pela divisão do cristianismo e pelo surgimento de diversas “seitas e heresias” ao longo dos anos. As críticas ainda contemplaram o casamento, o ensino escolar, o divórcio, a leitura da Bíblia e a forma do culto protestante<sup>25</sup>. Acusou a América protestante de ter promovido o assassinato “à bala” dos índios de suas terras, “esses mesmos índios que o catolicismo amparou com dedicação, por vezes heróica, e que eles, os protestantes, pretendem agora catequizar tão meliuamente em nossos sertões, fazendo-nos rir de semelhantes amores”<sup>26</sup>.

Assim, o arcebispo conclamou os católicos a lutarem com todas as forças contra o protestantismo americano, cuja expansão implicaria a destruição da pátria e da nacionalidade. Pátria e nacionalidade foram apresentadas no discurso de Dom Aquino como sinônimos de catolicismo (religião nacional), de maneira que, ao representar uma ameaça à Igreja Católica, o protestantismo significaria automaticamente um perigo à nação e aos valores culturais de seu povo.

Nos círculos protestantes, a polêmica repercutiu nas principais cidades e igrejas brasileiras, além de ser objeto de críticas e refutações escritas por lideranças dos Estados Unidos. Os principais rebatedores das críticas de Dom Aquino foram o reverendo presbiteriano Felipe Landes e o pastor batista João Gregório Urbieta. Esses protestantes defenderam as

denominações presbiterianas, episcopais, batistas e metodistas, que enfrentaram perseguições do catolicismo tanto em Corumbá, Campo Grande, Três Lagoas, Cuiabá, entre outros locais. E de fato, o protestantismo no Mato Grosso esteve envolvido em conflitos com o catolicismo desde o período em que as igrejas protestantes começaram a ser instaladas no Estado. Também, a Igreja Católica, por meio do jornal *A Cruz* chegou a escrever matérias que difamavam a religião espírita no campo mato-grossense na década de 1920.

*A Penna Evangélica*, por sua vez, tentou desqualificar o discurso de Dom Aquino ao chamar a conferência Imperialismo e Protestantismo como a “mais enfadonha repetição de arcaicos e desacreditados conceitos emitidos em anos passados por Eduardo Prado e pelo bispo Dom Silvério” classificados como “semeadores de desconfianças e mal entendidos, tendo oferecido seu apoio para uma propaganda chamada de impatriótica, caluniosa e indigna de quem se diz pregador do Evangelho da Paz”<sup>27</sup>.

Além da tentativa de desvincular o protestantismo do suposto imperialismo norte-americano, a *Penna Evangélica* publicou, ao longo do restante do ano de 1926 e princípios de 1927, diversos artigos que criticaram alguns dogmas católicos, como o culto às imagens, a salvação da alma somente através do catolicismo, a forma de culto. O periódico *A Penna Evangélica*<sup>28</sup> também associou o analfabetismo e o atraso econômico ao predomínio católico no Brasil e criticou a própria pessoa do arcebispo Dom Aquino, chamando-o de *mau cidadão, por negar-se servir ao exército, Judas Iscariotes, caluniador, intérprete “estrambótico” da Bíblia*.

O pastor batista João Gregório Urbieta também escrevia para o jornal *Evangélico do Estado de Mato Grosso*. Em resposta às acusações de Dom Aquino, Urbieta escreveu em jornais sobre os inúmeros padres missionários que também haviam vindo de países estrangeiros como segue neste trecho: “[...] os estrangeiros de batina perseguem,

<sup>24</sup> CORRÊA, Francisco de Aquino. *Imperialismo e protestantismo*: conferência realizada em Cuiabá, no dia 12 de abril de 1926. Rio de Janeiro: Jornal A Cruz, 1926.

<sup>25</sup> CORRÊA, 1926, p. 27.

<sup>26</sup> Idem, p. 34.

<sup>27</sup> *A Penna Evangélica*, 16/04/ 1926.

<sup>28</sup> *A Penna Evangélica*, 16/10/1926; 01/12/1926; 16/08/1926; 16/09/1926; 16/12/1926; 01/01/1927; 17/01/1927; 02/02/1927 e 16/02/1927.

oprimem e excomungam as pessoas que cedem suas salas para a prédica do evangelho [...]”.

Urbietta, que era católico antes de se converter à igreja batista na cidade de Corumbá na década de 1910, tornou-se um dos principais inimigos do catolicismo na região mato-grossense. Também trabalhou como jornalista em outros periódicos do Estado e neles não perdia a oportunidade de criticar dogmas e práticas da Igreja Católica, além de fazer discursos sobre a conduta do cidadão de bem na sociedade.

A disputa ferrenha entre católicos e protestantes é um indício de que, apesar de mais tradicional, a religião católica temia perder espaço no campo mato-grossense devido ao empenho dos protestantes no seu trabalho missionário, inclusive dos batistas. E, de fato, para uma denominação religiosa que se instituiu no Estado apenas após 1910, a Igreja Batista teve um crescimento louvável, assim como as demais denominações protestantes. Em 1929, o Estado de Mato Grosso tinha 820 protestantes esparramados em 17 igrejas, e 1135 pessoas freqüentavam as escolas bíblicas dominical, atingindo menos de 1% da população do Estado que somava 240.000 habitantes<sup>29</sup>.

No ano de 1935, já eram 10 igrejas batistas e 363 membros no Mato Grosso, graças ao trabalho de Jackson e Sherwood. O crescimento da religião batista neste estado foi lento, especialmente em comparação com outros estados brasileiros<sup>30</sup>.

A contribuição dos batistas para o desenvolvimento de Mato Grosso se deu com a construção de templos, escolas e hospitais. Os templos começaram a ser fundados na década de 1910, e as escolas batistas de ensino formal surgiram a partir da década de 1940. O hospital batista no campo mato-grossense foi implantado em 1958, cuja ideia se deu em uma convenção batista do Mato Grosso que foi realizada em fins da década de 1940<sup>31</sup>.

Mesquita frisa que os batistas enfrentavam a carência de Igrejas Batistas no Mato Grosso até a década de 1940<sup>32</sup>. A partir de então é que a vinda e a atuação dos missionários passou a ter resultados expressivos, e daí se fez necessário uma melhor estrutura para unir as Igrejas Batistas do grande Estado do Mato Grosso.

Nesse sentido foi criada no ano de 1943 a “Associação Evangélica Batista de Mato Grosso (AEBMT)”<sup>33</sup> cuja primeira assembléia aconteceu em 1944, na Igreja Batista de Três Lagoas. Nesta assembléia a entidade passou a chamar-se “Convenção Batista Mato-Grossense” (CBMT), que contava com 15 igrejas locais e 900 membros<sup>34</sup>.

A Convenção Batista Mato-Grossense surge no intuito de discutir a expansão da Igreja através de investimentos na evangelização e nos setores de educação e atendimento em saúde, a necessidade de arrecadação de finanças, e o incentivo de trabalhos missionários<sup>35</sup> com o intuito de obter cada vez maior poder na sociedade.

O estudo desta relação de poder, que a religião exerce na sociedade, reflete-se em nossa pesquisa a partir da visão de como os missionários e membros da Igreja Batista influenciaram o desenvolvimento sócio-econômico de Corumbá e do Mato Grosso, mesmo que suas ações estivessem voltadas para a evangelização em busca da salvação de almas (relação sobrenatural).

Também percebemos a disputa de poderes quando o discurso das religiões que disputam o campo mato-grossense passa a ser de teor político, como é o caso da discussão nacionalista acerca das intenções dos missionários protestantes norte-americanos.

A Igreja é uma instituição que exerce poder sobre as pessoas e em outras instituições sociais. Ainda, contribui para manter a ordem política, pois ela legítima de forma subjetiva e reforça os simbolismos das divisões da sociedade, sendo, por

<sup>29</sup> BRAGA, Erasmo; GRUBB, G. Kenneth. *The Republic of Brazil: a survey of the religions situation*. Word Dominion Press, 1932. p. 168.

<sup>30</sup> MESQUITA, 1940, p. 351.

<sup>31</sup> NOGUEIRA, 2004.

<sup>32</sup> MESQUITA, 1940, p. 345.

<sup>33</sup> Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943. p. 01.

<sup>34</sup> TRAPP, Carlos Osmar. *Evangélicos em Campo Grande*. Origens e desenvolvimento. Campo Grande, 1999. p. 38.

<sup>35</sup> Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 05/06/1944, p. 05.

isso, capaz de instaurar o consenso em torno da ordem instituída<sup>36</sup>.

A própria ideologia protestante suscita a discussão sobre a manutenção de um sistema sócio-econômico capitalista. O batismo na vida adulta influencia a vida profissional secular do membro da igreja, pois a doutrina protestante educa o homem para “a tranqüila ponderação dos negócios e para orientação destes em termos de cuidados e justificação da consciência individual”. Weber deixa claro que as ideias e hábitos do protestantismo tendem a favorecer, de forma ética, a procura racional do ganho econômico<sup>37</sup>.

A religião exerce um poder sobre os indivíduos devido a comportar símbolos estruturados. E de fato, “os símbolos são instrumentos por excelência da *integração social*”<sup>38</sup>. A religião, como conjunto de símbolos estruturados tem o poder de junção social, assim integrando e incluindo as pessoas num determinado grupo social ou na sociedade de uma forma geral.

Ainda, a instituição religiosa utiliza símbolos que induzem a crenças e, baseados nestas crenças, os indivíduos se colocam subjugados às suas condições. Trata-se de “um poder que aquele que está sujeito dá àquele que o exerce”<sup>39</sup>. Frente a esta problemática, Pereira enfatiza que os bispos e padres são pessoas dotadas de poderes especiais que controlam a Igreja e a entrada no reino dos céus, pois são líderes sagrados e impõem ordens que devem ser obedecidas<sup>40</sup>. Para a doutrina protestante, aderir a uma conduta moral rígida se faz necessário para atingir o Reino dos Céus. Aos pastores cabe a tarefa de impor com autoridade a seus membros a importância da santidade, para satisfazer a vontade de Deus na terra.

A religião como um vínculo de poder e política procura preservar sua autonomia relativa, buscando neutralidade política e isenção diante das esferas de poder público, mas pela sua natureza a religião em si é ato político, apesar de transfigurar as relações

sociais em relações sobrenaturais<sup>41</sup>. Na transformação das relações sociais em relações sobrenaturais, configuradas nas relações sacramentais, o poder simbólico da religião é exercido por essa categoria de agentes que gerencia o sagrado<sup>42</sup>.

Nesta pesquisa extrapolamos a análise da disputa de poder. Como observado, parto dos conceitos de “campo”, utilizando Bourdieu como referencial teórico, e “representação”, cujo referencial até o momento é Chartier. Em volta do campo, especialmente o religioso, entendemos que a instituição religiosa historicamente construída é formada de um conjunto de leis de funcionamento e de regras particulares de jogo, no qual é antes de tudo, um campo de forças, um conjunto sistemático de desigualdades pelo fato de oferecer diversos objetivos numa soma de diferenças; ou seja, um conjunto de agentes que estão predispostos previamente a notá-las de forma discrepante, a interessar-se por elas de modo distinto, e a utilizá-las de maneiras diferentes.

O conceito de campo é dinâmico e elástico, permitindo observar como as estruturas religiosas se estabelecem e se transformam. Desta forma, os estudos referentes à religião, como por exemplo, os estudos religiosos desenvolvidos no Brasil, partem da noção de campo, de Bourdieu. Considero seus trabalhos relevantes para a compreensão do fenômeno religioso, assim como a noção de representação, para delimitação da configuração das instituições religiosas, de Chartier. Com o seu auxílio, procuro entender como um determinado grupo social, a partir do lugar que ocupa e da realidade social que vivencia, percebe e aprecia esse real. Dessa forma, investigar as representações exige que as mesmas sejam situadas num campo (o campo religioso), no qual sobressai a luta pela hegemonia.

As lutas de representações têm imensa importância para o entendimento dos mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua visão de mundo social. É importante observar seus valores e o seu domínio, situando, assim, os conflitos de classificação ou de delimitações como

<sup>36</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992, p. 70.

<sup>37</sup> WEBER, 1973, p. 106.

<sup>38</sup> BOURDIEU, 1992, p. 10.

<sup>39</sup> BOURDIEU, 1992, p. 15.

<sup>40</sup> PEREIRA, 2008, p. 84-85.

<sup>41</sup> BOURDIEU, 1992, p. 33.

<sup>42</sup> PEREIRA, 2008, p. 89.



pontos tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. Ao compreender a cultura enquanto prática, Chartier apresenta para seu estudo as categorias de representação e apropriação. Para o mesmo, as práticas são confeccionadas pelas representações por intermédio das quais os indivíduos cedem sentido ao mundo que é deles<sup>43</sup>.

Chartier define o conceito de representação baseado em Durkheim, ou seja, os primeiros sistemas de representação que o homem produziu do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. O discurso de negação da religião do oponente não deve ser compreendido como uma simples autoafirmação ou como meros esclarecimentos doutrinários, pois era através deles que se obtinham estratégias de imposição de uma imagem de superioridade da religião de si, apoderando-se do menosprezo da religiosidade do outro, objetivando implantar uma legitimação de sua própria doutrina. Com efeito, é a partir da existência dos sistemas de representação social que se concebem os “lugares” nos quais os indivíduos, ou grupos, se posicionam, sentindo-se aptos a falar ou “ser falados”. É por meio das representações que são estabelecidas as relações de poder que descrevem, classificam, nomeiam, diferenciam, identificam e hierarquizam culturas e sujeitos<sup>44</sup>.

Sandra Pesavento frisa que o imaginário é construído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite posto pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas aceitam, pois o limite entre o real e o imaginário mostra-se variável, sendo que o território atravessado por esse limite continua, ao oposto, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal<sup>45</sup>. Assim, o imaginário construído nesse tempo, visava condicionar os fiéis de forma natural, integrando-os nos grupos sociais, de pessoas que tinham confissão religiosa igual à sua, e a exclusão das pessoas que confessavam uma

religião desigual. Neste processo mental de pertencer a um grupo religioso, surgiu a identidade tanto de católicos como de protestantes. “O conceito de identidade social ou coletiva está ligado à noção de experiências ou de “relações de identidade”<sup>46</sup>.

O discurso antagonístico de representantes da religião católica e protestante construiu as identidades de cada uma dessas religiões, o que é importante para a orientação dos fiéis e para preservação da própria instituição religiosa. As representações forjadas nos discursos católico e protestante influenciaram no imaginário social e forjaram novas identidades religiosas em torno da oposição e do julgamento de valor, estabelecendo o terreno propício para as disputas religiosas que se deram depois do estabelecimento da liberdade religiosa no começo do período republicano<sup>47</sup>.

De acordo com a manifestação religiosa, especificamente a Denominação Batista de Corumbá, é importante analisar a sua história como um problema político, atualmente as forças das religiões são entendidas como uma questão política em vários domínios, elas pertencem ao “[...] tecido do político, relativizando a intransigência das explicações baseadas nos fatores sócio-econômicos<sup>48</sup>”. Por intermédio das religiões, a questão econômica e política de uma sociedade são de suma importância para se compreender o fenômeno religioso. Ainda, a história religiosa busca compreender as diversas religiões por meio das várias disciplinas (Sociologia, Psicologia, Filosofia, entre outras)<sup>49</sup>.

Um dos pontos sobre os quais pretendemos nos ater são as festas religiosas realizadas pelos católicos na cidade de Corumbá e o posicionamento dos batistas a respeito do tema. Sabemos de antemão que os protestantes qualificavam essas festas como profanas e que

<sup>43</sup> CHARTIER, 2002.

<sup>44</sup> CHARTIER, 2002.

<sup>45</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de outra história: imaginando o imaginário*. In Revista Brasileira de História. São Paulo. Contexto/Anpuh, vol. 15, nº 29, 1995. p. 16.

<sup>46</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. p. 44.

<sup>47</sup> PINHEIRO e CAES, 2006, p. 05

<sup>48</sup> COUTROT, Aline. A Religião e Política. In: Remond, R. (Org). *Por uma história Política*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 331.

<sup>49</sup> JULIA, 1972.

utilizavam os meios de comunicação a que tinham acesso, como os jornais, para combatê-las.

Também nos interessamos pela análise do conteúdo das pregações dos pastores batistas no que se refere a combater e atacar diferentes religiões, especialmente a católica, através dos meios de comunicação da época. Nestes textos, podemos compreender parte da disputa pelo campo e perceber em que aspectos da conduta moral ficam explícitos as diferenças entre as instituições religiosas.

Outra questão pertinente está na relação dos batistas corumbaenses a respeito da carreira militar. Sabemos que, de forma sutil, a racionalidade da conduta protestante pode ser orientada para vocações apolíticas e antipolíticas<sup>50</sup>. Os batistas, entre os séculos XVI e XVII recusavam a participar das atividades públicas, como pegar em armas e de prestar juramentos, pelo fato de considerá-las mundanas. Alguns dos primeiros protestantes batistas que chegaram ao Mato Grosso eram militares destacados para servir ao exército e à marinha nas cidades de Corumbá e no Território Federal de Ponta Porã<sup>51</sup>. Observa-se que os batistas quando vieram para o Mato Grosso, já não condenavam o serviço militar como no início de sua manifestação na Europa. Os mesmos consideravam relevante possuir membros militares, políticos, juízes, entre outros nas suas igrejas, porque necessitavam cada vez mais de pessoas poderosas e influentes na sociedade para se defender e atacar as diversas religiões concorrentes no Mato Grosso, como por exemplo, o catolicismo, espiritismo, entre outras.

Por recusar a participar das atividades públicas, especialmente da política, pretendo investigar a posição batista de Corumbá em relação à política entre 1910 a 1940, quando estava se afirmando no local. “Oficialmente, os batistas brasileiros não assumem posições políticas. Deles não se pode dizer que estão atrelados a algum partido político [...]”<sup>52</sup>, mas a partir do momento que as igrejas batistas do Mato Grosso concorriam com vários movimentos religiosos opostos no Estado, é

possível notar que a mesma não deixava de ser caracterizada como um movimento religioso político.

A recusa das práticas públicas nos conduz diretamente à questão das relações dos batistas corumbaenses com as figuras políticas locais, com o intuito de compreender se estas figuras realmente não faziam parte do seu convívio; ou seja, se participaram, que tipo de participação era essa. Foi em algum momento da instalação da igreja, no qual faziam parte do rol de membros ou dos convidados.

### **A fundação da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso**

Em 1891, o Mato Grosso possuía indígenas que eram escravizados na extração do ouro pelos bandeirantes, pois os batistas chegaram a visitar a região, mas não implantaram nenhuma igreja. Quando vieram neste Estado, congregaram com os presbiterianos. Ainda neste tempo, o Mato Grosso era uma região praticamente esquecida pelos batistas, principalmente em relação à evangelização. Mas isto não quer dizer que os batistas não deixaram de evangelizar algumas pessoas do Estado<sup>53</sup>.

E de fato, os batistas, ao chegarem a Mato Grosso, tinham como objetivo converter o povo. Esta ideia já existia desde o século XIX no Brasil, uma vez que os batistas acreditavam que deveriam converter todos os não batistas, pois esses protestantes usaram o slogan: “Ide e pregar o evangelho a toda criatura”<sup>54</sup>. A criatura que os batistas referiam eram os católicos, espíritas, entre outros religiosos. Ainda, neste século, os protestantes em pauta, almejavam converter os indígenas de Mato Grosso. A partir de 1902, os membros das igrejas batistas, além de congregar na Igreja Presbiteriana de Corumbá, também se destacaram na comercialização de bíblias e também na evangelização de algumas pessoas, independente da cor, raça ou credo<sup>55</sup>.

<sup>53</sup> COSTA, Délcio. *Colunas batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1964.

<sup>54</sup> Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943, p. 01

<sup>55</sup> COSTA, 1964.

<sup>50</sup> WEBER, 1973, p. 107.

<sup>51</sup> NOGUEIRA, 2004.

<sup>52</sup> PEREIRA, 2001, p. 375.

Quando foram fundadas as diversas igrejas batistas no Estado de Mato Grosso, após a implantação da Igreja Batista de Corumbá, em 1911, os batistas corumbaenses, juntamente com os batistas de Três Lagoas, Campo Grande, Ponta Porã, Camapuã, Rio Verde, entre outras, resolveram se unir numa associação para realizar maiores trabalhos no campo mato-grossense. Esses protestantes visavam obter maior força para converter as pessoas não batistas. Para isso, as finanças de cada igreja batista, uma vez destinada à Associação Evangélica Batista de Mato Grosso (AEBMT), fazia com que os batistas não sofressem maiores dificuldades na implantação de seus trabalhos que estavam todos ligados a conversão de pessoas<sup>56</sup>. Sendo elas brancas, negras, indígenas, entre outras.

Os batistas de Mato Grosso chegaram a preparar indígenas para o pastoreio de igrejas no interior de suas tribos. Os índios pastorearam estas comunidades até onde conseguiram, foram vencidos pelo descaso da denominação ou “triturados” como um rolo compressor pelas igrejas do pentecostalismo que são na sua maioria absolutas nas reservas indígenas<sup>57</sup>.

Durante a inauguração da assembléia da AEBMT que se deu em 1943, foi nomeada uma diretoria por indicação dos batistas presentes, pois os mesmos consideravam importante a nomeação de uma diretoria para melhor organização de seus trabalhos. Nesta direção, existia cargo para presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, dois secretários executivos, quatro vogais, consultores jurídicos e também um secretário arquivista. Esses cargos foram oferecidos para homens, na sua maioria, missionários, obreiros e pastores das diversas igrejas batistas de Mato Grosso. Os trabalhos da associação que o poder eclesiástico realizava, somente foram possíveis pelo apoio e coesão de todos os seus membros. Percebe-se, que os pastores, obreiros e missionários

da AEBMT não realizavam os trabalhos evangelísticos sozinhos, mas em conjunto<sup>58</sup>.

No decorrer da criação da Associação, nota-se em sua diretoria a presença de muitos pregadores batistas que não eram brasileiros e sim norte-americanos. Conforme os pastores estrangeiros convertiam os brasileiros ao protestantismo, os recém convertidos, depois de estar firmes na igreja, passavam a ser inseridos na parte administrativa da AEBMT, além de pastorear algumas igrejas no Estado<sup>59</sup>. Até esta época, existia um machismo por parte dos batistas em relação à preparação de pastoras batistas, mas isto não quer dizer que as mulheres não deixavam de evangelizar as pessoas em Mato Grosso. Algumas mulheres batistas se destacaram muito na pregação e na educação batista, como por exemplo, Ana Wollerman e Janette Jackson<sup>60</sup>.

Conforme Tesser apud Nogueira, durante o século XIX, a atuação das mulheres foi muito importante para o desenvolvimento do Brasil. Muitas delas se destacaram nos trabalhos artísticos, nos esportes, na política de maneira contundente. A presença da mulher num determinado período veio subverter a ordem vigente. O reflexo que surgiu foi somente o de uma classe média “bem-comportada”, porém a sua parcela mais emergente fugia dos padrões impostos<sup>61</sup>.

A missionária Ana Wollerman realizou diversos trabalhos em várias igrejas da AEBMT, como ministração de mensagens evangelísticas, tocava órgão, ensinava hinos, entre outros, pois o seu trabalho era semelhante de pastor, mas nunca foi pastora ordenada. Wollerman não teve vontade de ser pastora, porque já se sentia satisfeita como missionária<sup>62</sup>.

A AEBMT foi responsável na implantação de diversos templos batistas nos locais que o Estado de Mato Grosso ainda não tinha, pois a mesma implantou diversas escolas bíblicas, institutos

<sup>56</sup> Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943, p. 01.

<sup>57</sup> NOGUEIRA, Sérgio. *Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul*. São Paulo, 2003. Dissertação. Umesp São Bernardo do Campo.

<sup>58</sup> Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943.

<sup>59</sup> Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943.

<sup>60</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>61</sup> TESSER apud NOGUEIRA, 2003.

<sup>62</sup> NOGUEIRA, 2003, p. 107.

bíblicos, escolas batistas formais e na concretização mais adiante de um hospital batista em Campo Grande<sup>63</sup>. Nas reuniões da Associação, os batistas além de realizar as assembléias, faziam cultos, pregavam o evangelho, oravam e cantavam hinos<sup>64</sup>.

Os Batistas de Mato Grosso não contribuíam somente com o crescimento da causa batista em seu estado, mas em todo o Brasil, assim como no exterior<sup>65</sup>. Até esta época, o Mato Grosso era considerado um estado muito carente em comparação aos outros estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros.

Não podemos esquecer que as igrejas batistas de Mato Grosso até antes de fundar a sua associação, eram cuidadas pelos batistas paulistanos. Isto se dava também por causa da carência de obreiros para cuidar das igrejas que iam sendo fundadas na região<sup>66</sup>.

Também nos primeiros anos da fundação das igrejas batistas de Mato Grosso, os batistas não possuíam adeptos formados em teologia para cuidar das suas igrejas e a AEBMT foi mais adiante a organizadora de cursos teológicos para o treinamento de seus pregadores<sup>67</sup>. Os ministrantes desses cursos muitas vezes eram missionários batistas norte-americanos que vinham ao Estado, como W.B. Sherwood, os Bagby, o A. B. Deter, Salomão Gunsburg, Anna Wollerman, entre outros<sup>68</sup>.

Muitas vezes, os batistas mato-grossenses quando entravam em conflitos com os católicos, necessitavam de pastores mais preparados para não serem prejudicados em sua missão, ou seja, cabia aos pregadores norte-americanos em defender as igrejas batistas que eram atacadas pelo catolicismo.

Até aqui, deixo claro que existia um número expressivo de batistas norte-americanos que além de serem pastores também eram maçons, como os

Bagby, Gunsburg<sup>69</sup>, entre outros. Muitas vezes, esses pastores maçons auxiliavam na realização dos trabalhos evangelísticos as igrejas batistas para não perderem a força durante sua luta pelo campo de Mato Grosso em disputa com o catolicismo. Mas isto não quer dizer que foram apenas os batistas que receberam apoio de maçons batistas e não batistas para se instalarem no Brasil, pois os luteranos, metodistas, presbiterianos, entre outros protestantes também foram apoiados pelos maçons para conseguir espaço no país durante o século XIX. Os protestantes, judeus e espíritas receberam o apoio da Maçonaria, porque os maçons acreditavam que a Igreja Católica manipulava a mente das pessoas e por isso apoiavam o crescimento das religiões acatólicas para diminuir o poder do catolicismo no Brasil<sup>70</sup>.

Assim como os maçons se consideram construtores da sociedade, os protestantes também não são diferentes. Os batistas podem ser considerados construtores da sociedade, porque buscam implantar a ordem na sociedade por meio da sua evangelização quando ensina seus membros a ser “santos”, assim assumindo a “honestidade”, deixando a preguiça de lado e contribuindo com a salvação eterna em Cristo e as necessidades do desenvolvimento capitalista por meio de seu trabalho num determinado local, e este local poder ser, como por exemplo, o Estado de Mato Grosso. Essas ideologias batistas, muitas vezes, não são oferecidas para o povo apenas em seus templos, mas nos institutos bíblicos, nas escolas bíblicas dominicais, em escolas formais, escolas teológicas, nos hospitais, em vias públicas, entre outros. E, de fato, as ideologias dos batistas são levadas para as crianças, adolescentes e adultos<sup>71</sup>.

As igrejas batistas de Mato Grosso fundaram várias instituições em prol da educação e saúde não apenas para suprir as necessidades de um estado carente como o mencionado, mas para implantar suas crenças para um povo que ainda não se converteu ao protestantismo.

<sup>63</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>64</sup> Ata da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 1943a 1948.

<sup>65</sup> Ata da Primeira Reunião da Junta Batista de Mato Grosso, 1945, p. 01-02.

<sup>66</sup> Ata da Segunda Reunião da Junta Batista de Mato Grosso, 05/06/1944.

<sup>67</sup> Primeira Ata da Junta Batista de Mato Grosso, 02/02/1945.

<sup>68</sup> URBIETA, 1960 e NOGUEIRA, 2003.

<sup>69</sup> Ata da Igreja Batista de Corumbá, 03/05/1915.

<sup>70</sup> VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Brasília: EdUnb, 1980.

<sup>71</sup> Ata da Associação Evangélica Batista Mato-Grossense, Campo Grande, 1943a 1948.

Tudo indica que todos os trabalhos da AEBMT estão ligados a um único propósito das igrejas batistas, ou seja, de converter “almas”. Os batistas e os demais protestantes consideram que é somente através da evangelização que tem condições de crescer a sua denominação e concorrer com os católicos.

Por mais que os batistas de Mato Grosso almejassem incluir, cada vez mais pessoas em suas igrejas, pois também ocorriam as exclusões de membros no interior delas<sup>72</sup>. As exclusões se davam quando os convertidos não satisfaziam as exigências da comunidade a qual fazia parte. E quando não voltavam a sua religião anterior (na maior parte católica), ficavam marginalizados no Estado. No meio batista, não existiam apenas os convertidos, mas os ex-batistas e os reconciliadores. Esses últimos sempre estavam dispostos a pedir para voltar para a igreja, assim acreditando estar voltando aos caminhos de Deus. Muitas vezes, a exclusão de um membro no interior da igreja batista ocorria, por causa de o mesmo envolver em conflitos com a irmandade, quando não era excluído pelo grupo, às vezes pedia sua própria exclusão<sup>73</sup>.

A AEBMT sempre ficava informada desses ocorridos e não deixava de registrar em seus relatórios as situações em que as suas igrejas se encontravam.

Geralmente as igrejas batistas de Mato Grosso e de todo o Brasil de forma geral, em torno das suas associações, realizavam as atividades conforme a recomendação da sua convenção maior denominada de Convenção Batista Brasileira (CBB). A convenção referida foi fundada em 1907 pelo pastor batista maçom Salomão Gunsburg quando ainda nem existia trabalho batista no campo mato-grossense<sup>74</sup>.

O ponto comum da AEBMT e da CBB é desenvolver maior união entre as igrejas batistas para juntar as suas finanças em prol da realização do trabalho evangelístico. A Convenção e a Associação acreditavam que uma liga de igrejas não

se quebra tão facilmente. Os batistas mato-grossenses mantinham comunicação com as igrejas da CBB através de telegramas, especialmente com as denominações batistas paulistanas e paranaenses. Tanto os batistas paulistanos quanto paranaenses elogiavam AEBMT pelo imenso trabalho evangelístico que desenvolviam no Mato Grosso. Muitos representantes da CBB, especialmente a Mocidade, vieram orar para os batistas de Mato Grosso continuar cada vez mais firmes na evangelização<sup>75</sup>.

Algumas vezes os batistas de São Paulo nem preferiam mandar telegramas de saudações aos batistas de Mato Grosso, ou seja, vinham ao Estado parabenizá-los pelo grande avanço da causa batista na região em estudo<sup>76</sup>.

Quando as igrejas batistas (como por exemplo, as de Mato Grosso) investiam as suas finanças na associação, obtinham um retorno financeiro maior, porque o número de convertidos dizimistas e ofertantes sempre aumentavam. A conversão dos batistas também está relacionada ao lucro das suas igrejas. Esses lucros muitas vezes são utilizados para construção de templos, escolas, orfanatos, pagar o salário do pastor, investir em missões, entre outros.

Durante o começo dos trabalhos da AEBMT foi aprovado a inauguração de uma missão batista na vila Jaraguari, MT e também a nomeação de evangelistas para atender a demanda do Estado<sup>77</sup>. Muitas igrejas da associação chegaram implantar diversos templos no Estado, pois os batistas de Corumbá fundaram igrejas em Aquidauana (1917), Campo Grande (1917) e em Miranda (1932). A Denominação Batista de Campo Grande foi considerada a maior fundadora de igrejas na região até a década de 1940, sendo elas: a de Camapuã (1923), Ponta Porã (1925), Coxim (1927), Bela Vista (1936), Estrela D’Alva (1941), Rio Verde

<sup>72</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>73</sup> Atas das Igrejas Batistas de Três Lagoas e Corumbá, 1910 a 1940.

<sup>74</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>75</sup> Ata de nº 2 da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso, Campo Grande, 29/02/1944.

<sup>76</sup> Ata de nº 2 da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso, Campo Grande, 29/02/1944.

<sup>77</sup> Ata de nº 2 da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso, Campo Grande, 29/02/1944.

(1941), Terenos (1948) e a Segunda Igreja Batista de Campo Grande (1949)<sup>78</sup>.

A Igreja Batista de Três Lagoas, diferentemente dessas mencionadas, não evangelizou e instalou igrejas apenas em Mato Grosso, mas no Estado de São Paulo e Paraná<sup>79</sup>. As igrejas da AEBMT fundaram missões também no exterior, como por exemplo, no Paraguai e Bolívia<sup>80</sup>. Coube a Igreja Batista de Corumbá tomar conta das missões da Bolívia, porque era a que estava mais próxima delas<sup>81</sup>.

Além das igrejas, os batistas implantaram muitas escolas de ensino formal, como por exemplo, em Amambá, Ponta Porã, Jaciara, Aquidauana, entre outros<sup>82</sup>.

A maioria dos alunos que tinham condições de estudar nas escolas batistas eram aquelas em que os pais detinham condições financeiras. Mas isto não quer dizer que as escolas do meio batista deixavam de dar assistência às crianças carentes. Os protestantes em destaque almejavam formar seus estudantes com o ensino básico e também evangelizavam as mesmas de acordo com as crenças de sua igreja, ou seja, a batista.

Dessas escolas batistas foram formados alguns profissionais, como missionários, pastores, educadores, advogados, dentistas, entre outros<sup>83</sup>. Nesta época, as escolas batistas em Mato Grosso concorriam com as escolas de ensino formal do catolicismo de ordens franciscanas e salesianas.

Durante a década de 1940, os grupos protestantes que tem exercido maior ação educativa, mais acentuada foram os presbiterianos, metodistas, batistas, luteranos, adventistas e episcopais<sup>84</sup>.

Muitas vezes, quando foram instaladas igrejas batistas numa determinada cidade do Estado, os

batistas fundaram uma escola de ensino primário ao lado das suas igrejas, oferecendo ensino para as crianças e jovens, dando aos mesmos a oportunidade de ter uma vida melhor do que os pais tiveram. E as escolas batistas esperavam que seus estudantes seguissem a vida conforme os princípios do cristianismo de acordo os ensinamentos de suas denominações.

As denominações protestantes em discussão apresentaram um imenso crescimento<sup>85</sup> que acarretou numa maior disputa pelo campo mato-grossense com o catolicismo e espiritismo. Como dito, os batistas não fundaram apenas templos para concorrer com os católicos e espíritas, mas escolas e um hospital com o intuito de principalmente converter os não protestantes<sup>86</sup>. E, de fato, essa iniciativa batista contribuiu para incomodar seus concorrentes, assim entrando em conflitos principalmente com a Igreja Católica.

Os conflitos dos batistas com o catolicismo não ocorriam apenas no Mato Grosso, mas em todo o Brasil desde o século XIX. Nem sempre as igrejas batistas em Mato Grosso enfrentavam perseguições do catolicismo. A Igreja Batista de Rio Verde (1941) desfrutava de grande paz durante o seu estabelecimento e expansão<sup>87</sup>.

A colaboração que a Igreja Batista teve no desenvolvimento de Mato Grosso se deu com a fundação de templos, escolas e um hospital que foi inaugurado em Campo Grande em fins da década de 1950<sup>88</sup>.

Mesmo que os batistas da AEBMT apresentassem um grande crescimento no Estado, os seus templos em maior parte, não foram construídos em vias públicas, ou seja, em praças, como geralmente se encontram a maioria dos templos católicos. Os templos batistas em Mato Grosso não apresentavam grandezas em comparação aos da igreja católica, que receberam influência da cultura barroca. A maioria dos

<sup>78</sup> Cronograma da organização das Igrejas Batistas de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), jan. 1987. p. 103.

<sup>79</sup> URBIETA, 1960.

<sup>80</sup> Primeira Ata da Junta Batista de Mato Grosso, 02/02/1945.

<sup>81</sup> Primeira Ata da Junta Batista de Mato Grosso, 02/02/1945.

<sup>82</sup> URBIETA, 1960 e NOGUEIRA, 2003.

<sup>83</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>84</sup> Almanaque Batista, Casa Publicadora Batista: Rio de Janeiro, 1950.

<sup>85</sup> Terceira Reunião da Junta Batista de Mato Grosso, 18/08/1945.

<sup>86</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>87</sup> GASPARINI, Eraldo Luis Pagani. Epopéia de fé no sertão mato-gossense: Os Batistas em Rio Verde. Folha do Pantanal. Rio Verde, 2ª quinzena de mai. 2004.

<sup>88</sup> NOGUEIRA, 2003.

templos batistas apresentava formatos de casas de estilo americana.

Existiram pastores batistas no Mato Grosso que recusavam de políticos a doação de terrenos para a construção de seus templos por defenderem total separação entre Igreja e Estado e também não queriam ferir a Constituição brasileira. Isto ocorreu na cidade de Três Lagoas a partir de 1925, e ao que tudo indica, todas as igrejas da ABMT e da CBB exigem total separação entre Igreja e Estado. Mas isto não quer dizer que os batistas recusaram em chamar políticos e diversas autoridades das cidades de Mato Grosso para participar de seus cultos, eventos e inaugurações de obras de cunho batista<sup>89</sup>.

A maioria dos templos batistas, assim como de outros protestantes foram construídos nas localidades próximas dos templos da igreja católica. A pretensão dos protestantes era fazer com que os católicos e outros movimentos religiosos não protestantes percebessem a sua presença nas cidades e que pela curiosidade pudessem presenciar os seus cultos como uma nova proposta de cristianismo a qual protestavam a missa papal, as imagens, a confissão e vários outros credos do catolicismo, assim como de outras crenças religiosas. Conforme os protestantes iam conquistando espaços no Mato Grosso, deixavam de permanecer somente nas áreas rurais, assim expandindo sua evangelização em vias urbanas<sup>90</sup>.

A irmandade batista, quanto mais convertia pessoas no Estado, maiores eram as doações de terras, propriedades, dinheiros, entre outros que recebiam por parte de seus convertidos. As terras que as igrejas batistas possuíam na maioria das vezes se encontravam em áreas nobres das cidades, e, por isso, que seus templos ficavam muito aparentes para os cidadãos. Nota-se que no momento em que as cidades iam surgindo no Mato Grosso, as igrejas batistas foram sendo implantadas para colocar a ordem nas cidades, assim buscando diminuir a prostituição, assaltos, assassinatos e outras práticas que feria os princípios do cristianismo e do estado. Isto muitas vezes tornava-se concreto e real quando os indivíduos se

convertiam, pois deixavam de realizar ações de roubos, prostituição, assassinatos, entre outros.

As igrejas batistas deste Estado, muitas vezes venderam parte de suas terras em volta de seus templos para as pessoas que estavam interessadas em construir comércios nas localidades centrais das cidades. Isto pode se notado em diversas cidades de Mato Grosso, como por exemplo, em Três Lagoas, Campo Grande, entre outras. Conclui-se até aqui que as igrejas batistas de Mato Grosso, na sua maioria, incentivaram o desenvolvimento das cidades apoiando os empresários abrirem comércios para oferecer trabalhos para o povo e também a compra de diversas mercadorias. Mas isto não quer dizer que os batistas mato-grossenses conseguiram acabar com o desemprego, assim apoiando a implantação de comércios nas cidades, pois o desemprego como sabemos, continua existindo muito, assim deixando uma grande quantidade de pessoas marginalizadas.

Os batistas da AEBMT consideravam que suas igrejas cresciam muito quando as cidades apresentassem um elevado grau de desenvolvimento. As igrejas batistas da região sul de Mato Grosso eram mais prósperas do que as da região norte deste Estado, pois competiam aos batistas do sul manter financeiramente a causa batista da região norte. Até a década de 1940, a capital mato-grossense, que era Cuiabá, não presenciava a existência da missão batista e só foi na década de 1950 que os cuiabanos presenciaram a iniciação da evangelização batista<sup>91</sup>.

Como dito no capítulo anterior, em 1944, a AEBMT realizou uma assembléia na Igreja Batista de Três Lagoas. Foi discutido entre os presentes para mudar o nome da associação para Convenção Batista mato-grossense (CBMT) e isto foi concretizado<sup>92</sup>.

Ainda foi determinado para as igrejas enviar às assembléias da convenção quando ocorrer, um mensageiro por cada dois grupos de membros das igrejas. Além disso, os batistas discutiram a necessidade de preparar pregadores e também a

<sup>89</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>90</sup> URBIETA, 1960 e NOGUEIRA, 2003.

<sup>91</sup> NOGUEIRA, 2003.

<sup>92</sup> Ata de nº 3 da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso, Campo Grande, 01/03/1944.

escrita dos estatutos e resolução de diversos problemas concernentes aos trabalhos das igrejas do campo<sup>93</sup>.

Os batistas, em convenção, expuseram os vários modelos de evangelização que suas igrejas teriam que realizar e também a educação de seus filhos, assim como a educação religiosa de todos seus membros<sup>94</sup>. Ainda neste ano, os batistas em assembléia fizeram apelos às Igrejas representadas, no sentido de aumentarem suas contribuições financeiras para a extensão do trabalho de evangelização<sup>95</sup>.

Conforme as igrejas iam sendo implantadas, o Mato grosso enfrentava a ausência de obreiros, especialmente a cidade de Aquidauana. Os protestantes em foco, além de ter realizado visitas em algumas cidades do Estado em prol da evangelização, pois distribuíram literatura religiosa, especialmente em Sidrolândia<sup>96</sup>.

A Denominação Batista de Mato Grosso investiu em colportagem<sup>97</sup>, ou seja, em protestantes que estavam dispostos em distribuir de cavalos as bíblias, livros e panfletos em várias localidades do sertão mato-grossense. Cabe ressaltar que, muitas das bíblias, livros e panfletos de cunho batista eram na maior parte comercializados. Geralmente muitos dos adeptos das igrejas protestantes aprendiam a ler e escrever nas escolas bíblicas. Então, quando os adeptos batistas aprendiam a ler escrever, ficavam mais fácil de compreender as doutrinas batistas e também em discordar das visões do catolicismo, espiritismo e até de mesmos das igrejas protestantes não batistas.

Uma vez que os batistas e os demais protestantes tornavam-se alfabetizados, a chance de os mesmos conseguirem serviços melhores nas cidades era muito grande, e a maior parte desses trabalhos era administrativo e não braçal. Por isso,

que existiam diversos batistas trabalhando em escritórios da ferrovia, cartórios, escolas, entre outros.

Em plena década de 1940, as igrejas batistas de Mato Grosso concorriam o campo de evangelização não apenas com o catolicismo e espiritismo, mas com os presbiterianos, metodistas, luteranos e pentecostais<sup>98</sup>. Nas atas das entidades batistas, as quais foram analisadas até agora, não mencionam nenhuma relação ecumênica em que suas igrejas participaram com os diversos protestantes os quais já se encontravam no Estado e muito menos com os católicos e espíritas. Tudo indica que os batistas eram restritos ao ecumenismo, porque acreditavam que as igrejas batistas eram as únicas igrejas verdadeiras de Cristo<sup>99</sup>.

É importante frisar que existia um diálogo entre os batistas e presbiterianos em relação a conversão de pessoas, pois os protestantes referidos combinaram em não evangelizar ao mesmo tempo os povos de Mato Grosso para não confundi-las com as suas doutrinas. Então, ficou decidido que os batistas realizariam evangelização na região sul deste Estado enquanto os presbiterianos na parte norte. Foi por causa deste acordo que acarretou na demora da implantação da Igreja Batista em Cuiabá, uma vez que a capital mato-grossense se encontrava na região norte. Mas os presbiterianos também enfrentaram ausência da fundação de suas igrejas na região sul, como por exemplo, em Campo Grande. Esses protestantes chegaram a congregar com os batistas até dar início aos seus trabalhos evangelísticos<sup>100</sup>.

Em 1948, o Mato Grosso já contava com um total de 9 (nove) igrejas batistas organizadas<sup>101</sup>. Sua quantidade a cada ano que passava aumentava cada vez mais. Isto comprova que, mesmo com a perseguição que os protestantes enfrentavam por parte do catolicismo, não os impediam de crescer neste Estado, ou seja, o movimento protestante se apresentava cada vez mais forte e pronto também

<sup>93</sup> Ata de nº 3 da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso, Campo Grande, 01/03/1944.

<sup>94</sup> Primeira Reunião da Junta Batista de Mato Grosso, 02/03/1944, p. 05.

<sup>95</sup> Primeira Reunião da Junta Batista de Mato Grosso, 02/03/1944, p. 05.

<sup>96</sup> Primeira Reunião da Junta Batista de Mato Grosso, 05/06/1944.

<sup>97</sup> Ata da Primeira Sessão Ordinária da Junta Executiva Batista do Campo de Mato Grosso, 1949, p. 01.

<sup>98</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>99</sup> WEBER, 1973.

<sup>100</sup> NOGUEIRA, 2003 e TRAPP, 1999.

<sup>101</sup> Ata de nº 03 da Convenção Batista de Mato Grosso, 03/12/1948.



para conflitar com alguns movimentos religiosos, como por exemplo, a Folias de Reis que já foi motivo de debate no meio batista por parte do pastor e jornalista João Gregório Urbieta que não perdia as oportunidades para lutar pelo enfraquecimento das religiões concorrentes. Urbieta procurava protestar os movimentos religiosos opostos à igreja batista, tanto nas igrejas, praças e em jornais de cunho protestante que circulavam no Mato Grosso<sup>102</sup>. Assim como vários estados brasileiros possuíam jornais batistas editado por convenções estaduais, o Mato Grosso também tinha em 1948 o seu jornal denominado de “O Batista do Oeste”<sup>103</sup>.

Os batistas de Mato Grosso evangelizaram as pessoas em diversos locais, como nas estações ferroviárias, nos trens, nos velórios, nas praças, nas cadeias, nos hotéis, nos restaurantes, nas ruas, entre outros. Ainda, ocorriam cultos em vias públicas (praças e ruas), nas residências de batistas e não batistas, nas fazendas e em diversos outros lugares<sup>104</sup>. Sempre que havia o batismo de imersão no meio batista, os pastores utilizavam este ritual como estratégia para atrair cada vez mais pessoas nas proximidades dos rios, lagos, córregos e lagoas no interior das cidades não apenas com o intuito de fazer os presentes prestigiar os batismos, mas com a finalidade de pregar suas crenças e conseguir cada vez mais adeptos para as suas igrejas. Diversas vezes, as localidades em que os batistas faziam seus batismos também se davam as manifestações católicas e de espíritas, principalmente do Candomblé<sup>105</sup>.

Os protestantes de forma geral, quando vieram evangelizar o povo de Mato Grosso, encontraram muitas dificuldades. O Estado era muito precário, pois alguns líderes do movimento batista não deixaram de expressar o quanto foi difícil de evangelizar no campo mato-grossense pelo fato de o Estado ter muita precariedade, principalmente em

relação às ruas, que, na sua maioria, nem eram asfaltadas<sup>106</sup>.

### Considerações Finais

É de suma importância analisar a pesquisa centralizada na Igreja Batista de Corumbá e na Associação Evangélica Batista de Mato Grosso (AEBMT) entre as décadas de 1910 a 1940.

Percebemos que a Igreja Batista local foi bastante atuante no que diz respeito a conquista pelo campo mato-grossense, principalmente em relação a sua concorrência ligada ao catolicismo e com as demais religiões. Sua participação no contexto do desenvolvimento de Corumbá não deixou de ser neutra, pois a igreja em foco esteve participando no progresso da cidade oferecendo mão-de-obra qualificada para o Estado, fundando escolas de ensino formal e informal, orfanatos, hospital, templos, entre outros.

Muitas dessas atividades que a Igreja Batista de Corumbá realizou, coincidiam com diversos trabalhos das igrejas católicas, que estavam presentes no Mato Grosso.

A Igreja Batista local usou esta estratégia para concorrer principalmente com o catolicismo, ou seja, os batistas tinham como pretensão converter a população mato-grossense não somente evangelizando-as nos seus templos, mas nas escolas, orfanatos, hospital, entre outros. As instituições implantadas pelos protestantes batistas, ou seja, educacional e de saúde, também eram frequentadas pelos católicos, espíritas, presbiterianos, entre outros. Essas pessoas eram o principal alvo de conversão dos batistas.

Como visto ainda neste trabalho, os indivíduos que a Denominação Batista de Corumbá visou converter eram de diversas raças, como por exemplo, negros, indígenas, brancos, entre outros. Independente das mesmas serem pobres ou ricas, os batistas buscavam de todas as maneiras inseri-las em suas igrejas.

Um fator importante, que ficou explícito no desenvolver desta pesquisa foi que os batistas de Corumbá entre os anos de 1910 a 1940 não foram

<sup>102</sup> URBIETA, 1960.

<sup>103</sup> Almanaque Batista, Casa Publicadora Batista: Rio de Janeiro, 1950.

<sup>104</sup> Atas da Convenção Batista de Mato Grosso e das Igrejas Batistas de Três Lagoas e Corumbá, 1910 a 1940.

<sup>105</sup> Atas das Igrejas Batistas de Três Lagoas e de Corumbá, 1910 a 1940.

<sup>106</sup> NOGUEIRA, 2003.

responsáveis somente em inserir membros em suas igrejas, pois os mesmos também chegaram a excluir pessoas, assim deixando-as marginalizadas na sociedade.

Também observamos no desenrolar deste estudo, que muitos dos membros que eram excluídos da Igreja Batista de Corumbá, também chegavam a reivindicar a sua própria exclusão. Algumas vezes, os mesmos pediam para o poder eclesiástico para poderem voltar a serem membros da igreja batista, quando também não retornavam ao catolicismo, espiritismo ou para alguma outra igreja protestante, principalmente para a Presbiteriana ou Episcopal, que também eram consideradas fortes na evangelização.

Ficou constatado que os batistas de Corumbá foram considerados os primeiros protestantes batistas a fortalecer a causa batista no Mato Grosso antes da fundação da Associação Evangélica Batista de Mato Grosso (AEBMT), que se deu a partir de 1943.

Percebe-se que a Denominação Batista de Corumbá foi a principal responsável em fundar igrejas batistas no Estado e conforme foram surgindo cada vez mais igrejas batistas em Mato Grosso, a quantidade de trabalhos batistas, seja de caráter educacional e de saúde também foram aumentando e ficando cada vez mais forte para converter pessoas, isto graças as igrejas batistas de Corumbá, Campo Grande, Três Lagoas, Aquidauana, Coxim, entre outras que eram filiadas a AEBMT.

Tudo indica que a AEBMT foi fundada pelos batistas para adquirirem maior força e coesão nos trabalhos evangelísticos que estavam iniciando no Estado.

A Igreja Batista de Corumbá e as demais denominações batistas do campo mato-grossense não restringiram seus trabalhos evangelísticos apenas no Mato Grosso, pois as mesmas se responsabilizaram em investir na evangelização tanto no território brasileiro quanto no exterior.

Sendo assim, é importante frisar que os batistas do Mato Grosso não foram totalmente prejudicados em sua evangelização, devido ao imenso apoio, que tiveram dos pastores batistas

maçons, como os Bagby e os Gunsburg, os quais eram considerados mais preparados para lidar com as desavenças que as igrejas batistas tinham com a manifestação católica no Mato Grosso, assim como em várias outras localidades do Brasil desde o século XIX.

As igrejas batistas de Mato Grosso também adquiriram força na evangelização, porque conseguiram converter várias pessoas, que detinham influência política e econômica no Estado. Essas pessoas geralmente eram militares, ferroviários, comerciantes, fazendeiros, entre outros que estavam dispostos a defender as igrejas batistas de qualquer empecilho ligado a conversão de “almas para Cristo”.

Mas, não podemos esquecer que os pobres os quais faziam parte da Igreja Batista de Mato Grosso, como por exemplo, de Corumbá, também apoiaram no desempenho de diversos trabalhos de evangelização, pois participaram das construções de templos, escolas, hospital, entre outros. Nota-se, que os batistas conseguiram obter maiores poderes nas evangelizações por intermédio de indivíduos pertencentes à classe baixa, média e alta.

[Recebido em: março de 2011,  
aceito em: maio de 2011]